

Homossexualidade feminina 2

Paulo Cesar S. A. Kautz*

RESUMO

O trabalho intitulado *Homossexualidade Feminina*, mostra que, historicamente, o prazer homossexual da mulher não apresentava fatores repressivos na antiguidade, o que só se deu a partir do momento em que interesses sócio-político-econômicos foram associados à instituições como família e igreja; até por que, o lesbianismo era exercido em paralelo ou em conjunto com relacionamentos heterossexuais.

Fatores sociais e familiares influenciam e estruturam positivamente ou negativamente a personalidade humana e, conseqüentemente sua orientação sexual. Novos estudos estão tentando mostrar uma origem genética da homossexualidade, mas em tudo isso é fundamental compreender os diversos fatores causais, apontados em uma associação de fatores inatos ou adquiridos, que devem servir de “clareira” a fim de possibilitar aos homossexuais e aos profissionais que lidam com sexualidade, uma visão mais ampla, científica e aberta.

* Psicólogo clínico: pós-graduado em sexualidade humana pela Universidade Tuiuti-PR.
Recebido em 18.04.98 Aprovado em 29.04.98

INTRODUÇÃO

“Vieste, Fizeste bem. Eu te aguardava. Puseste folia no meu coração, que se abrasa de desejo. “

(Safo, séc. VI a.C.)

Ao entrarmos em contato com as mais diversas pesquisas e referências científicas sobre a homossexualidade, nos deparamos com uma escassez de informações bastante acentuada no que tange ao aspecto do homossexualismo feminino.

Como um tabu ou mito intocável, bem como uma situação histórica que não ameaçava os valores sócio culturais de épocas antigas, o que se percebe nas poucas referências encontradas, é o teor preconceituoso e a ausência de uma dissertação, análise e pesquisas mais aprofundadas que auxiliem homossexuais a vivenciarem sua sexualidade de forma mais livre, possibilitando e instrumentando médicos e terapeutas da área no aumento do cabedal de conhecimento e informação para, tecnicamente, auxiliar na terapêutica da sexologia, suas disfunções a nos processos que impossibilitam uma entrega necessária para que se exerça com mais atenção a sexualidade.

Assim, objetiva-se neste trabalho apontar e identificar alguns pontos que elucidem algumas dúvidas e incertezas sobre a homossexualidade feminina, bem como compreender os níveis de satisfação e do prazer lésbico, incluindo fatores históricos e os processos sociais a psicosssexuais que mobilizam a estruturação da personalidade e da formação da erogenização.

FUNDAMENTOS HISTÓRICOS DO LESBIANISMO

O termo “lésbica” juntamente com outras terminologias da mesma significação como *sáfismo* e *sáfico*, tiveram sua origem na Inglaterra de 1890. Já “lesbianismo”, surgiu em 1870 e fora correlacionado com o homossexualismo de mulheres.

O lesbianismo foi vinculado à ilha de Lesbos e uma de suas moradoras, a poetisa chamada Safo, ao qual a história denotou sua formação, expressão e comportamento de enfoque homossexual.

A homossexualidade feminina sempre caminhou junto com a masculina, a grande diferença histórica está na importância e relevância que se deu à segunda. Desde os antigos judeus o lesbianismo não tinha conotações

de ilegal ou imoral, funcionava de forma “velada” e não ameaçava os interesses sócio-econômicos e estruturais familiares da época. A homossexualidade masculina, diferente da feminina, tinha como fator de repressão a perda ou extravio do sêmen, altamente valorizado, pois expressava o princípio básico sexual da reprodução - fim sexual. Assim, mulheres homossexuais não estavam, inclusive, inscritas nas leis, principalmente por terem a oportunidade de vivenciarem ao mesmo tempo, uma homo a heterossexualidade. Une-se neste contexto, a pouca importância do papel econômico a social que historicamente foi relegado à mulher.

Foi na Grécia (séc. VI a.C.), com Safo, que se começou a “falar” sobre homossexualidade feminina, onde a poetisa expressou em seus poemas o que outrora só se admitia sentir.

Segundo Juan Kusnetzoff (1988), homossexualidade é a inclinação erótica por pessoas do mesmo sexo, tendo Safo demonstrado de forma poética e quebrando o “tom” viril e agressivo instituído às lésbicas.

Safo era um membro respeitado em sua comunidade; a ela era permitido a composição de cantos aos deuses, cantados em público. De suas criações, seus poemas falavam de jovens mulheres que a abandonavam e seus sentimentos em relação a elas. Foi com Safo que historiadores identificaram uma certa pederastia feminina e revelaram a atração do feminino pelo feminino, através da atração pela beleza e pelo sentimento de uma pessoa por outra do mesmo sexo.

A terminologia da palavra “lésbica” foi sempre associada à talvez mais famosa das homossexuais femininas, Safo, mas com enfoque à ilha de Lesbos e uma moradora do local. A conotação erótica às lésbicas só surgiu no período clássico em diante.

Segundo André Lardinois (1991), os romanos em 120-80 a.C., começaram a apontar o homossexualismo feminino após interpretações dos poemas de safo.

“Dizem que existem mulheres em Lesbos com rostos como os de homens, e que não dispõem a desposar homens, mas apenas mulheres, como se elas mesmas fossem mulheres.”

A dicotomia entre homo e heterossexualidade começou a ter mais importância, na sociedade, a partir do período clássico, onde os valores sociais instituídos tinham como objetivo e ponto de partida o casamento heterossexual fonte de felicidade, não mais se admitindo relacionamentos homossexuais (femininos ou masculinos).

Os fatores e interesses político-econômicos também auxiliaram a colocar a homossexualidade em certo grau até os dias de hoje, como um fator independente e de promiscuidade e perversões, bem como a introdução na igreja no papel de “coordenadora do comportamento”, ajudaram à instituição do preconceito e repressão da homossexualidade. Como a reprodução era para a igreja o sentido único do ato sexual, alijando as sensações de prazer, era natural a não-aceitação de contatos sexuais de outras finalidades.

Como em todas as sociedades em que o comportamento sexual é reprimido e tolhido em sua espontaneidade, o contato homossexual, historicamente era promovido de forma velada. O grego Plutarco, segundo André Lardinois (1991), afirma que na antiga Esparta, “senhoras distintas” tinham relações sexuais com garotas. As espartanas compensavam as relações pederastas entre homens e rapazes, sendo esse comportamento sexual admitido pela sociedade grega antiga.

O interessante e diferente do que se vê nas sociedades contemporâneas, é que o envolvimento entre mulheres davam-se em situações parais e não exclusivas, ou seja, as homossexuais da antigüidade eram geralmente casadas com homens e seus contatos homossexuais davam-se até o casamento.

Difícilmente encontramos relatos históricos sobre relacionamentos estritamente homossexuais. A bissexualidade foi mais presente.

A possibilidade da expressão e vivência da homossexualidade feminina, assim como a masculina, é muito recente. A liberdade da relação homossexual e sua luta, data da mesma época em que a mulher heterossexual começou a buscar seu direito de escolher em relação à sua sexualidade. Do início dos anos 60 em diante, é que alguma coisa começou a surgir e, assim como Safo, encontra dificuldades para viver plenamente seus desejos e configurar seus relacionamentos.

HOMOSSEXUALISMO FEMININO

A homossexualidade, conceituada por Kusnetzoff (1988) como uma inclinação erótica por pessoas do mesmo sexo, revela à sociedade atual um contexto de medo e rejeição à homossexualidade, fomentando por esta o preconceito e dificultando a mulher com tendências homossexuais a assumirem-se o quanto antes, pois melhor será sua vida sexual e sua saúde psicológica.

Porém, não é tão simples assim. A homossexualidade está enquadrada nos padrões comportamentais como anormalidade e como “diferentes da maioria”, tornando pejorativa a própria terminologia utilizada.

Científica e estatisticamente é importante perceber que este padrão sexual dito anormal, encontra índices bem mais abrangentes que muitas vezes se imagina. Segundo Juan Kusnetzoff (1988), no relatório Kinsey, aparece um índice de 28% de mulheres que tiveram experiências homossexuais. O relatório também nos mostra que neste índice, exclui-se as lésbicas latentes (sentem atração homossexual) ou tem seus desejos reprimidos.

“O medo da rejeição e da hostilidade impede, muitas vezes, as lésbicas de se revelarem fora do meio homossexual, o que resulta em aumento da solidariedade e do compromisso grupal e traça, ao mesmo tempo, limites mais definidos entre os dois mundos que começam a se tornar inconciliáveis.

Médicos e terapeutas buscam lidar com o contexto de homossexualidade de uma forma mais clara e menos pejorativa, distinguindo um estilo de comportamento, segundo o DSM III de pornografia, vício e promiscuidade.

Na estruturação do estilo do comportamento sexual, percebe-se que eroticamente as lésbicas não têm atração ou interesse por homens. Como a mulher é diferente do homem (tem prazer genital) em sua sensibilidade erótica, as lésbicas “exploram” a sexualidade de forma mais ampla, atingindo a pele como um todo sexual, sendo o clitóris utilizado como um ponto de alta excitação. O prazer lésbico não está especificamente centrado na penetração vaginal e sim no contato por todo corpo e na estimulação de zonas erogenizantes.

Para Juan Kusnetzoff (1988), o orgasmo das lésbicas acontece como em outras mulheres quaisquer e não é tão importante na relação sexual. Aponta o autor que as homossexuais podem alcançar graus de prazer e de entrega superiores às mulheres heterossexuais.

As práticas sexuais mais conhecidas das mulheres homossexuais são a estimulação manual mútua, estimulação oral dos órgãos genitais, contato dos órgãos genitais, troca de beijos e carícias e os corpos em contato, roçando-se. O orgasmo, geralmente, é satisfatório e múltiplo às parceiras.

Um fator importante, apontado por Simon W. e J. H. Gagnon em 1970, é que as lésbicas mostram muito menos tendência para trocar de parceiras do que os homossexuais. Os autores mostram também que o les-

bianismo é mais difundido entre estudantes e tem maior frequência em ocupações artísticas e naquelas que exige comportamento dominante (Dicionário de Psicologia - Gebhard/1968).

Difícilmente encontram-se lésbicas com comportamento masculinizado e só se comportam assim em situações experimentais, por pouco tempo. O receio e o medo de descobrirem o seu padrão social diferenciado e conseqüente discriminação reprime tal comportamento.

Alguns autores buscam as causas da homossexualidade feminina, mas nem todas as teorias e pesquisas são afins. Sigmund Freud, no fim do século passado descreveu a homossexualidade como um atraso no desenvolvimento psicosssexual, apontando fatores causais da homossexualidade feminina na falta de resolução na inveja do pênis, associada a conflitos edípicos não resolvidos. A conseqüência seria uma inversão psicosssexual (aí o termo “invertidos” utilizado por Freud em relação aos homossexuais) no processo de identificação com as figuras primárias do desenvolvimento (pai e mãe), instituindo o desejo na inversão sexual, que levaria ao interesse por parceiros do mesmo sexo.

Conforme Kaplan e Sadock (1991) as mulheres homossexuais, comparadas com as heterossexuais, são descritas como tendo pais ternos e íntimos, ao contrário do que se descobriu em relação aos homens homossexuais.

Juan Kusnetzoff (1988) enumera algumas causas para o comportamento homossexual feminino:

- mãe severa demais ou fraca demais, impedindo assim a identificação da filha com ela;
- pai autoritário que provoca desagrado ou temor em relação aos homens em geral;
- família sem mãe e sem pai, portanto, sem modelo feminino ou masculino;
- modelo masculino ou feminino insuficientemente diferenciado;
- desejo manifestado pelo pai ou pela mãe de ter tido um filho homem, o que pode levar à modificação do comportamento para satisfazer esse desejo;
- pais que não neutralizam o complexo de inferioridade da menina proveniente da falta de pênis que, em algumas famílias é importante como símbolo de poder;
- mãe insatisfeita que mostra desagrado por ser mulher e prediz para sua filha vários sofrimentos porque também é mulher.

Dentre todos esses fatores causais acima, não pode-se deixar de apontar que não somente um destes influencia a orientação sexual da mulher, e sim que alguns estão associados entre si e vinculados às experiências primárias no relacionamento familiar e social, que inscritos no psiquismo da criança, terão influência direta na vida sexual desta.

Junto com os aspectos psico-sócio-sexuais, alguns autores têm apresentado estudos e dados pesquisados, associando dados genéticos e biológicos com o comportamento sexual. Kaplan e Sadock (1991) mostram que os hormônios pré-natais parecem exercer um papel na organização do sistema nervoso central - a presença de andrógenos na vida pré-natal contribui, supostamente, como uma orientação sexual para mulheres.

Meninas pré-adolescentes expostas a grandes quantidades de andrógenos antes do nascimento, expressam em algumas situações, comportamento agressivo e não feminino. Kaplan e Sadock (1991) mostram que mulheres com hiperadrenocorticalismo tornam-se bissexuais ou homossexuais em maior proporção do que o esperado na população geral. Também apontam uma predestinação genética oculta para maior incidência homossexual entre gêmeos monozigóticos, mais do que dizigóticos.

Em termos de relacionamento homossexual, as lésbicas apresentam características relacionais similares aos heterossexuais. Nos dias atuais encontram-se casais homossexuais femininas em relacionamentos muito mais prolongados, diferente dos homens homossexuais, que mantêm relacionamentos mais passageiros.

“Os casais de mulheres experimentam menor estigmatização social, a parecem ter relacionamentos monogâmicos ou primários mais duradouros.”

(Kaplan e Sadock/1991)

Nas mulheres homossexuais, o “despertar” e o aparecimento de desejos e sentimentos amorosos por parceiros do mesmo sexo, dá-se geralmente durante a puberdade e adolescência, sendo que a intensidade e busca do contato sexual, no fim da adolescência - isso quando não há mecanismos de bloqueios da expressão sexual (a nota é minha). Em algumas vezes a iniciação homossexual dá-se com experiências heterossexuais, como mostra o relatório Kinsey, 56% das lésbicas já tiveram penetração vaginal pelo pênis.

Casos de angustia acentuada quanto à orientação homossexual, nos casos de tratamento psicoterápico, mostram que somente 30% das mulheres homossexuais conseguem reverter e reorientar a estrutura psicosssexual (casos em que existe o desejo de mudança).

CONCLUSÃO

Os enfoques abordados neste trabalho, tiveram como meta buscar algumas informações necessárias para uma simples mas importante compreensão: “O que de diferente (anormal) tem a homossexualidade feminina dos padrões ditos normais de comportamento sexual e perceber o que permeia o prazer do lesbianismo”.

Historicamente, observou-se que o papel homossexual da mulher não apresentava fatores repressivos na antiguidade, o que só se deu a partir do momento em que interesses sócio-político-econômicos foram associados à instituições como família e igreja; até porque, o lesbianismo era exercido em paralelo ou em conjunto com relacionamentos heterossexuais.

Viver a sexualidade como algo natural, longe de tabus e preconceitos, muitas vezes já se encontra dificuldade maior ainda, e até hoje, em nossa sociedade, gera-se, como diz Kusnetzoff (1988), vítimas da ignorância e da intolerância dos erros culturais.

Percebe-se, no decorrer do trabalho, que fatores sociais e familiares influenciam e estruturam positiva ou negativamente a personalidade humana e, conseqüentemente, sua orientação sexual; vimos que novos estudos tentam mostrar uma origem genética da homossexualidade, mas em tudo isso é fundamental compreender que as causas são oriundas de uma associação de fatores inatos ou adquiridos, que devem servir de “clareira” a fim de possibilitar aos homossexuais e aos profissionais que lidam com sexualidade, uma visão mais ampla, científica e aberta.

A homossexualidade ainda agride, ou talvez, ainda assuste nossa estrutura social tão confusa, imbuída de valores culturais a sexuais tão ambíguos que não permitem encontrar um caminho para a felicidade sexual. Felicidade em sexualidade é viver livre, passível de uma escolha pessoal, de forma criativa a espontânea, o que jamais se alcançará enquanto regras a normas sociais determinarem o que cada um deva fazer em sua própria cama.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AMOR E SEXUALIDADE NO OCIDENTE. Ed. Especial da Revista L'Stoire/Seuil. Porto Alegre: L&PM, 1992.
2. ARNOLD, W. EYSENCK, H. J. e MEILI, R. *Dicionário de psicologia*. São Paulo: Loyola, 1982.

3. BREMMER, Jan. *De Safo a Sade* - Momentos na história da sexualidade. Campinas: Papirus, 1991.
4. DOLTO, Françoise. *Sexualidade feminina*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
5. DORSM, Friedrich. *Dicionário de psicologia*. Barcelona: Herder, 1976.
6. KAPLAN, Haroldo & SADOCK, Benjamin. *Compêndio de psiquiatria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
7. KUSNETZOFF, Juan Carlos. *A mulher sexualmente feliz*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.